

espírito; para Pascal, o homem poder ser anjo e besta, e para Aristóteles “o escravo é máquina sem alma”, que já não se governa; Freud marca dois princípios: de prazer e de realidade.

Com efeito quanto mais intenso mais o prazer quer repetição, a todo o custo. E aí temos as máquinas insaciáveis da droga, álcool, sexo compulsivo, smartphone, gastronomia regada, dinheiro de tudo ter, nudez para fama e jóias, roubos e corrupção para ser o rei. Os compradores de liberdade das encruzilhadas são eles mesmos escravos de coisas e pessoas. Compram para esquecer a mentira pungente da sua vida. Prometem rios de felicidade aos outros, fortunas de grandezas, prazeres sem incómodos nem as chatices da liberdade; tudo para reduzir a sua insaciabilidade de mais prazeres e infelicidade. O grande inquisidor de Dostoievski (“Os irmãos Kamazarov”) deixa o alerta de que a liberdade sábia mete medo e muitos a vendem pelo pão do prazer. Cegos, dizem: fiquem com a liberdade e a futura e eterna herança de primogénito e venha, já, o prato de lentilhas, como fez Esaú, irmão de Jacob. O pão espiritual, a liberdade e herança de filho, exigem esforço e adiamento. Exigem luta para não ser “uma coisa” dos compradores de liberdade a troco de ilusões de felicidade e de vidas sem sentido, neurónios adormecidos, fantasias mágicas que apagam as luzes da alma, o brilho do espírito, a consciência de chancela divina, o dom da liberdade. Nos leilões de compra e venda de almas, escravos compram escravos, famintos de dignidade guardam porcos. Uns e outros, “escravos feitos máquinas sem alma” (Aristóteles), anseiam pelo resgate e a libertação, procuram libertadores que lhes devolvam a liberdade. Sem o pensarem, todos esperam a libertação Daquele que proclamou: “a verdade vos fará livres”, a palavra da boca de Deus vos fará viver. Jesus, no deserto, deu o exemplo aos seus irmãos: não reduziu a vida ao pão do corpo, às vaidades de palhaços e a adorador do diabo, o falso deus da criação. A quaresma é uma ascensão de resgate de vidas vendidas, em que só a vida de Alguém Livre pode libertar os escravos e ressuscitá-los para a dignidade de filhos de Deus.

Funchal, 25 de março de 2017.

O CRISTIANISMO e a DESINCARNAÇÃO ACTUAL

Maria Gabriella Filippi

Numa entrevista dada em 2014, o filósofo Fabrice Hadjadj falou sobre a sua conversão ao cristianismo numa época dominada pelo niilismo e pela tecnologia. A sua maneira de olhar o mundo e a forma como expõe a realidade actual, vale, sem dúvida uma leitura atenta do conteúdo da entrevista, que vamos fazer preceder por uma sua descrição da transformação do ser humano em peças de laboratório.

“O nosso mundo está cada vez mais caracterizado pela desencarnação. Estamos na era do «in vitro veritas», tanto nas telas quanto nas provetas. O pai é substituído pelo especialista (e isso acontece até mesmo aos bispos que renunciam muitas vezes a paternidade para ficarem só com a superioridade hierárquica); a mãe é gradualmente substituída pela matriz eletrónica. Vão dizer que agora um casal do mesmo sexo pode ter filhos da mesma forma que têm um homem e uma mulher. E mais, vão dizer que podem tê-los muito melhores do que feitos por um homem com uma mulher, porque estes se entregam à procriação através da escuridão arriscada de um abraço e de uma gravidez, enquanto que um casal do mesmo sexo é mais responsável, mais ético, porque recorre aos engenheiros para fabricar uma criança sem defeitos, com um código genético verificado, muito mais condizente com o mundo que o circunda. O que borbulha em nossos laboratórios é uma verdadeira contra-anúnciação: já não se trata de acolher o mistério da vida na escuridão de um útero, mas reconstituir na transparência de um tubo de ensaio”.

Esta é a descrição feita pelo filósofo Fabrice Hadjadj, nascido de uma família judia, ex-niilista e anti-clerical, actualmente casado, pai de seis filhos, professor de literatura e filosofia, bem como dramaturgo. Desde a

sua conversão, deu início à sua obra filosófica e literária. Hadjadj argumenta que dentro da Igreja aconteceu a melhor compreensão e valorização do corpo e da sexualidade e pensa que a morte tenha a sua dignidade. Entre os seus muitos livros estão *Mistica della carne. La profondità dei sessi* (Milão, Medusa, 2009), e *Parcela com la morte. Anti-metodo per vivere*, editora Cittadella, que venceu o Grande Prémio da literatura católica em 2006.

Por ocasião do terceiro Congresso Mundial dos movimentos eclesiais e das novas comunidades, organizado em Roma pelo Pontifício Conselho para os Leigos, do qual o filósofo francês é membro, em resposta ao apelo de conversão missionária que o Papa Francisco dirigiu na *Evangelium Gaudium*, Hadjadj respondeu a algumas perguntas para ZENIT, que transcrevemos a seguir.

ZENIT: Qual é a história de sua conversão do judaísmo para o cristianismo?

Hadjadj: Poderia contar-lhe uma longa história... Deus nos converte com toda a sua criação. A conversão é simplesmente uma tomada de consciência, porque a realidade é sempre a realidade.

Quando a pessoa se converte, por outro lado, não quer dizer que chegou, o baptismo é o ponto de partida. Sempre poderei tornar-me pior do que era antes: continuo a ter os meus pecados, portanto, é sempre necessário prestar atenção à conversão. Na verdade, não é verdade que eu me converti do judaísmo para o cristianismo, porque nunca fui religioso: vim de uma família judia sim, mas de esquerda, marxista. Em casa não tínhamos nenhuma bíblia, só obras de Marx, Hegel e Gramsci; eu, pessoalmente, aproximei-me muito cedo de Nietzsche e de autores ateus mas, curiosamente, foi por meio desses autores anti-cristãos que descobri o cristianismo e, curiosamente, foi sendo cristão que descobri de forma mais real o meu ser hebreu.

Eu tinha a sensação de que a grandeza do homem estivesse relacionada com a sua vulnerabilidade e que não se desenvolvia com um tipo de poder horizontal, mas por meio de um grito vertical, um grito para o céu, como na tragédia grega. Ali está claro que a dignidade trágica do homem reside no facto de que ele se dirige a um Deus e interpela o céu.

Além disso, estava intelectualmente atraído pelo mistério da cruz. Um dia o meu pai ficou muito doente. Estava prestes a morrer e minha mãe chamou-me. Era impotente diante daquela situação e entrei numa

igreja, onde rezei à Virgem: era uma Nossa Senhora rodeada de muitos ex voto, e apenas duas semanas antes, entrando na mesma igreja com um amigo meu, tinha ridicularizado esses ex voto: ‘obrigado daqui, obrigado dali... ridículo!’. Zombava diante daquelas imagens. Mas, na tarde em que meu pai estava mal, fui àquela Nossa Senhora, e naquele momento não aconteceu nada de extraordinário, as coisas extraordinárias são as mais simples: tive a sensação de estar no meu lugar e descobri que a posição do homem que reza é a posição do homem por excelência; a partir daquele momento tive a certeza da verdade da oração.

ZENIT: Porque a adesão ao cristianismo é algo diferente da adesão a um partido ou a uma ideia política?

Hadjadj: Passamos de uma época de extremismos ideológicos a um período no qual todas as ideologias morreram, um período de padronização tecnológica: é o momento em que se pega na diversidade do real, na multiplicidade das coisas, e também na biodiversidade e se manipula, se quebra.

A missão da Igreja não tem nada a ver com um processo de padronização, porque é a mesma missão do Criador: é o Criador e o Redentor de todas as coisas, portanto, não quer esmagar a individualidade das coisas com a uniformidade, reduzi-las a uma ideia, mas permitir ser plenamente o que somos, do jeito que as coisas foram criadas e salvas, nas suas diferenças.

O fundamento da fé cristã é que a unidade é uma unidade de comunhão, mas a comunhão não é uma fusão. A comunhão é comunhão de um com o outro, e o outro continua a ser um outro, não é absorvido e nem diminui. Isso se manifesta da mesma forma no mistério da Trindade: há um só Deus, uma só natureza divina, mas ao mesmo tempo existem três pessoas, e estas pessoas, justamente porque são três, são pessoas eternamente diferentes. Nós pensamos na unidade de Deus como uma unidade que leva em si a diversidade eterna. Isso nos convida a considerar a missão da Igreja não mais como propaganda ideológica que se reduz à uniformidade, mas como hospitalidade que permite que cada ser seja reconhecido plenamente a si mesmo.

ZENIT: Tanto Bento XVI como o Papa Francisco disseram que a evangelização não cresce por proselitismo, mas por atracção: o que significa essa expressão e quais são, na sua opinião, os perigos do proselitismo?

Hadjadj: Podem parecer só duas formas de dizer o mesmo conceito: o proselitismo e a atracção, em oposição a sair de si mesmos. Atrair para si mesmos ou sair de si mesmos?

Ambos estão bem, porque a relação entre o exterior e o interior na missão não é a de dizer que “somos uma seita, nós temos a verdade e saímos para leva-la às pessoas que estão completamente fora”: o mistério consiste no facto de que quem está fora da Igreja, foi, ao mesmo tempo criado por quem está dentro da Igreja, não existe nada de absolutamente fora da Igreja; as coisas existem, e não estão fora da Igreja; mas foi a Igreja que foi criada pelo Criador. A missão para nós não é aquela do proselitismo, para encontrar alguém e reduzi-lo às nossas ideias, mas é, ao mesmo tempo, um sair e atrair. Uma saída porque vamos rumo ao outro, mas uma atracção porque sentimos, com o seu coração uma certa ressonância: isso é importante para os cristãos, crer nas palavras de Jesus: ‘atrairei a mim todos os homens da terra’. É verdade, todos os homens são atraídos por Cristo, devemos confiar na palavra aqui! Eu confio e sabem por quê? Porque eu era o homem mais distante de Cristo, era aquele cuja conversão era a mais improvável, era amargamente anticlerical. Devemos ter confiança de que o coração do não-cristão, o coração do inimigo, o coração do perseguidor, é atraído por Cristo.

(Enviado por Zenit.org)

PARA MEDITAR

NÓS, HOMENS, PAI, EXPULSAMOS-TE DO
NOSSO MUNDO

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te de nós próprios e nós,
católicos, muitas vezes agimos em conformidade !**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te da relação homem-mulher
e nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te da família e nós, católicos,
muitas vezes agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te da sociedade e nós,
católicos, muitas vezes agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da economia
e da gestão e nós, católicos, muitas vezes, agimos em
conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da ciência e
nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da cultura e
nós, católicos, muitas vezes, agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da arte e nós,
católicos, muitas vezes agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da informação e
nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!**

**Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da ética e nós,
católicos, muitas vezes agimos em conformidade!**

Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo do saber e nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!

Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te das nossas leis e nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!

Nós Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo do poder, do mundo da política e nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!

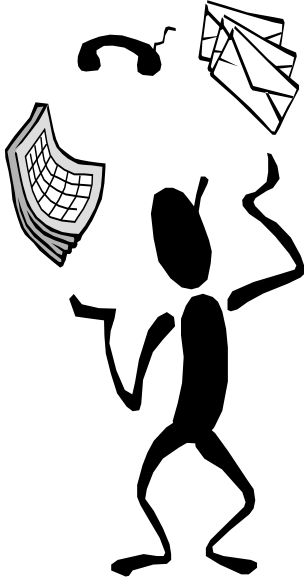
Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te do mundo da medicina, do mundo da saúde e nós, católicos, muitas vezes agimos em conformidade!

Nós, Homens, PAI, expulsamos o TEU Filho Jesus do Natal e nós, católicos, muitas vezes, agimos em conformidade!

Nós, Homens, PAI, expulsamos-Te de nós e, em Teu lugar, colocámo-nos a nós próprios.

Nós, Homens, PAI, comportámo-nos como meninos tolos e néscios, porque sem Ti, a nossa existência não tem futuro algum!

Porto, 18 de Dezembro de 2016
Carlos Alberto da Rocha



NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

TRÁFICO DE ÓRGÃOS HUMANOS

Nos dias 7 e 8 de Fevereiro teve lugar no Vaticano, na Casina Pio IV, uma cimeira sobre o tráfico de órgãos humanos e o chamado “turismo dos transplantes”. Os participantes foram recebidos pelo Chanceler de Pontificia Academia das Ciências, D. Marcello Sanchez Sorondo.

O tema do Encontro, após uma introdução por Francis Delmonico, cirurgião americano perito em transplantes e por Jeremy Chapman, director da divisão de medicina e tumores do Hospital Wesrmead de Sidney, foi tratado a partir de dois documentos muito importantes – a Declaração de Istambul (2008) e a Convenção do Conselho da Europa (2014). Foi dado um relevo muito especial ao primeiro texto, comentado por Alexander Capron, co-director do Pacific Center para a política de saúde e ética.

A Declaração de Istambul afirma que todos os países precisam de um enquadramento jurídico e profissional para disciplinar a doação de órgãos e toda a actividade relacionada com transplantes. Recomenda, por isso, uma supervisão transparente garantida por um sistema normativo eficaz, quer para o dador, quer para o receptor, respeitando os padrões e restrições em matéria de práticas não éticas. Foi reconhecido que as práticas que não respeitam as regras éticas resultam, em parte, da carência global de órgãos para transplante. Por isso é solicitado a cada país um compromisso que garanta a aplicação de programas de informação dos cidadãos sobre a doação de órgãos.

O Conselho da Europa, no segundo documento em análise, condenou, com incidência penal, o tráfico de órgãos para transplante, salientando ser necessário proteger as vítimas e facilitar a cooperação a nível nacional e internacional para perseguir os responsáveis por práticas criminosas com mais eficiência.

Concluída a análise dos documentos, a cimeira aprovou onze recomendações concretas para o combate ao tráfico de órgãos, recomendações que sintetizamos a seguir.

1. Reconhecimento mundial da existência do tráfico de seres humanos com o propósito de remoção e tráfico de órgãos, nomeadamente órgãos de prisioneiros executados, e sua condenação legal a nível mundial.
2. Compromisso dos líderes religiosos na promoção da doação ética de órgãos.
3. Disponibilização de recursos pelas nações para se conseguir a auto-suficiência na doação de órgãos em cada nação.
4. Existência de quadros legais que forneçam uma base explícita para a prevenção e perseguição de crimes relacionados com transplantes.
5. Avaliação dos riscos e benefícios para doadores e beneficiários que tenha em conta o longo prazo.
6. Que haja um registo oficial, promovido pelos diferentes governos, de todas as aquisições e transplantes de órgãos.
7. Que haja um quadro legal específico para a partilha de informações entre profissionais de saúde e os outros envolvidos no combate ao tráfico.
8. Haver uma efectiva investigação judicial dos transplantes suspeitos.
9. Não serem cobrados custos aos procedimentos associados à recolha e transplante de órgãos.
10. Envolvimento das organizações profissionais de saúde no combate ao tráfico de órgãos.
11. Cooperação entre organizações internacionais, como a Organização Mundial de Saúde, o Conselho da Europa, as agências das Nações Unidas (nomeadamente o Observatório das Nações Unidas sobre Drogas).

LOVAINA E A LIBERDADE

26 de Março, 2017: Marcha pela Vida, em Bruxelas. Stéphane Mercier, professor convidado de Filosofia na Universidade Católica de Lovaina participou na Marcha e falou: “É meu dever como filósofo meditar, em liberdade, sobre o sentido e a dignidade da Vida. Uma Universidade Católica deveria igualmente defender a dignidade da Vida”.

A resposta da Universidade Católica foi rápida: suspensão imediata do professor Mercier e introduzido um processo disciplinar, acentuando que *“as opiniões do Sr. Mercier eram contrárias aos valores da Universidade. A Universidade de Lovaina considera inaceitável que estas opiniões sejam expressas enquadradas nos cursos, porque o direito ao aborto está aceite pela lei belga”*.

Stéphane Mercier foi muito claro quanto ao seu pensamento sobre o aborto. Num texto de quinze páginas intitulado «La Philosophie pour la Vie» diz exactamente: *“A verdade é que o aborto é o assassinio de uma pessoa inocente. E é mesmo um assassinio particularmente objecto, porque o inocente em questão não se pode defender”*.

A atitude da Universidade, que se intitula católica, é incompreensível: a sua decisão só pode significar a negação do seu estatuto e, para além disso, a negação da liberdade de expressão e da liberdade de ensino do Magistério da Igreja Católica.

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

No próximo dia 27 de Maio está prevista uma peregrinação nacional a Fátima do mundo da saúde. Será o seguinte o programa previsto:

10:00 – Acolhimento e Oração inicial

10:30 – Apresentação das Associações

11:00 – Conferência e diálogo:

12:30 – Homenagens

13:00 – Almoço/Convívio

15:00 – Caminhada para o Santuário e travessia do Pórtico do Jubileu

16:00 – Rosário na Capelinha

16:45 – Tempo livre

17:45 – Celebração Eucarística na Capela da Ressurreição

Para informações mais pormenorizadas e para inscrições, consultar a página da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

«ACÇÃO MÉDICA» HÁ 50 ANOS

A leitura do nº 3 do volume 31 da nossa revista é muito elucidativa da recepção, em meios portugueses académicos e presumivelmente elitários, da mensagem do Vaticano II. De facto, este número inicia-se com a transcrição da Pastoral Colectiva da Conferência Episcopal (nessa altura designada por Episcopado Metropolitano Português, por excluir os Bispos de territórios coloniais ou ultramarinos). É um documento breve e claro, dirigido aos leigos, escrito em estilo mais dialogante e menos impositivo do que documentos análogos, emitidos em épocas anteriores. O espírito novo que o anima provém claramente dos documentos conciliares, repetidamente citados, e o apostolado dos leigos bem definido, quer na sua abrangência, quer nas suas características próprias. De novo, há que referir a relação entre a actividade dos leigos e a da hierarquia, definindo-se a sua complementaridade e integração harmoniosa na missão geral da Igreja, uma vez que ambos os apostolados participam do único sacerdócio de Cristo. Linguagem conciliar, é certo, mas nova para um laicado habituado, na praxis da Acção Católica, a ser visto como mero auxiliador e executante da acção episcopal.

Os dois contributos que se seguem (de J. Mitchell e J. F. Cacklin) ocupam-se de temas que só o crescente reconhecimento da necessidade de um diálogo ecuménico poderia justificar numa revista assumidamente católica: as Igrejas orientais (de Alexandria, de Antioquia, da Arménia e de Bizâncio) e os Valores Cristãos do Protestantismo. Se o primeiro artigo representa sobretudo uma descrição das características e natureza das referidas Igrejas, o segundo poderá ter parecido provocatório, ao reconhecer os valores morais e teológicos da confissão protestante, com particular ênfase para a que se designa como Evangélica (ou luterana). No ano em que se celebram os 500 anos da afixação das teses de Lutero, e em que a Igreja católica, até pela voz do Papa Francisco, reconhece as virtudes da Reforma, no enquadramento próprio da época, é interessante recordar o valor ecuménico desta publicação. Sem deixar de frisar as diferenças doutrinárias e culturais que existem, o autor põe em relevo os valores cristãos da Reforma: a graça, a glória de Deus, a fé pessoal, a Escritura como fonte de vida.

Segue-se um discurso académico, em que o saudoso Professor Ramos Lopes exalta quatro ilustres figuras do claustro médico de Coimbra, os Professores Duarte Santos, Luís Raposo, Albertino de Barros e A. Vaz Serra.

O famoso discurso do Papa Paulo VI aos ginecologistas italianos, proferido a 29 de Outubro de 1966, aparece em seguida. Famoso por conter uma definição do que a Mulher representa para e na Igreja, um verdadeiro hino; e também por anunciar para breve um documento definidor do pensamento do Magistério sobre a questão da regulação da natalidade. Se em declarações anteriores o Papa deixara entrever a possibilidade de vir a ser adoptada alguma modificação no discurso oficial (ao usar expressões como “presentemente”, “neste momento”, “enquanto”), agora a linguagem é mais tradicional, reafirmando-se que a doutrina sobre o tema não está suspensa, ou em estado de dúvida, e que deve ser seguida sem hesitação: prenunciava-se assim o que viria a ser “a palavra definitiva da Igreja”.

A homilia de D. Manuel Gonçalves Cerejeira na Festa de Cristo Rei frisa o papel da Acção Católica no mundo, como diálogo da Igreja. Também aqui são notórios os reflexos dos documentos conciliares, notando-se porém a preocupação em sublinhar a relação hierárquica entre o leigo e o Bispo (o cristão leigo é “dócil ao Magistério sagrado”).

Notícias várias incluem uma transcrição da intervenção do deputado médico Leonardo Coimbra, filho do grande filósofo português, no debate sobre educação da juventude. Lamentamos não nos permitir a exiguidade do espaço fazer mais larga referência a esta notabilíssima peça, que para além de uma análise cuidada da situação (de então, apenas?) propõe caminhos e soluções para os males detectados.

Quando nela se leem expressões sobre o trabalho dos professores, “inapreciados heróis de uma batalha obscura contra um condicionalismo anquilosante”, “em turmas superlotadas, sem garantias económicas, sociais e familiares”, sem estímulo, sem prestígio, sem preparação pedagógica adequada; quando se critica o reduzido número de estudantes que completam o ensino superior, ou se menciona o “empacotamento de cultura” propiciado por programas sobrecarregados que desprezam as humanidades, ou o autor se interroga sobre percentagens de reprovação, em algumas cadeiras universitárias, de 80% - quando se lê isto, e muito

mais judiciosas observações, não podemos deixar de nos interrogar: isto era assim há 50 anos? Ou continua a ser aqui e agora? Perdemos estes 50 anos?

Leonardo Coimbra cita Oliveira Salazar: ou refazemos a vida, refazendo a educação, ou não fazemos nada de verdadeiramente útil. Tinha razão, mas como os outros, não conseguiu refazer a educação.

Walter Osswald

SÓCIOS FALECIDOS

Tomamos conhecimento dos falecimentos dos nossos Associados:

- Dr. Daniel dos Santos Pinto Serrão | Porto

